

Sindicalistas testam forças nas urnas

William Franca

Pelo menos um terço das 24 vagas para deputado distrital e das oito para deputado federal deverá ser preenchido por sindicalistas — e este número pode, inclusive, alcançar a maioria dos dois parlamentos. Essa perspectiva é demonstrada pelas pesquisas de opinião pública e por estudos técnicos do Departamento Intersindical de Apoio Parlamentar (DIAP), que levam em conta desde a característica singular do sindicalismo em Brasília — atuação dinâmica e sem vícios — até os níveis de mobilização das categorias em torno de um objetivo comum, como reivindicação salarial.

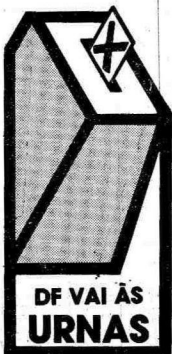
Alguns dos candidatos surgidos do meio sindical na cidade — são tantos que se torna quase impossível um levantamento preciso — asseguram que essa representatividade no Poder Legislativo é nada mais do que um processo de seleção natural. “De alguma forma os trabalhadores têm que ser representados, e a melhor maneira é escolhendo os que trabalharam junto com eles no movimento sindical”, afirma Gilberto Munhoz, candidato a uma vaga na Câmara Legislativa pelo PSB e membro licenciado da diretoria do Sindicato dos Bancários de Brasília.

“A representatividade vai ser feita a partir dos sindicatos fortes, das categorias que têm um nível de politização elevado e com tradição de luta”, arrisca Pedro Celso, petista e presidente licenciado do Sindicato dos Rodoviários e um dos líderes nas pesquisas de intenções de voto para a Câmara Legislativa. “Sindicalista é o que mais se adequa ao perfil do trabalhador, porque conhece a luta do operariado”, comenta Manoel de Andrade, o Manoelzinho, do Sindicato dos Taxistas, candidato a deputado distrital pelo PTR. Apesar de terem se tornado conhecidos após o trabalho sindical, nenhum dos candidatos considera o sindicalismo um “trampolim” para a política.

Facilidades

“A gente ouve essa história a toda hora, mas não se lembra que as pessoas constroem sua participação na sociedade — e o sindicalismo é uma dessas formas”, diz Maria José da Conceição, a Maninha, presidente licenciada do Sindicato dos Médicos e também uma das sindicalistas que aparecem com boas chances nas pesquisas eleitorais. “A passagem da luta sindical para a parlamentar é uma mudança apenas de patamar, porque política parlamentar é também lutar por salário e lutar por melhores condições de trabalho — como o trabalho de sindicalista”, diz Maninha.

Os sindicalistas, tal qual os grandes empresários e os comunicadores, concorrem com uma vantagem à frente dos demais candidatos: a credibilidade junto ao público, explica Ulisses Riedel, diretor técnico licenciado do DIAP. “É mais fácil se eleger um sindicalista de um outro profissional, que embora capaz, exerce liderança numa categoria ou menor ou menos mobilizada” completa, afirma. “O problema de alguns sindicalistas é que eles têm visão apenas corporativista, representando uma categoria”. “Os sindicalistas a serem eleitos ainda não representarão, a contento, os trabalhadores e toda a força sindical da cidade”, aponta Lúcia Carvalho, diretora licenciada do Sindicato dos Professores e candidata pelo PT a uma vaga na Câmara Legislativa. “Muitos votos devem se perder porque, nessa eleição, vai valer o voto familiar, e o da amizade, antes do voto ideológico”, complementa Lúcia.



Maria José, a Maninha (ao lado de Lula), e Lúcia Carvalho, do PT, tentam repetir a vitória que conseguiram nos sindicatos